

**Arquitetura campestre na obra de Ramos de Azevedo:
A fazenda São Vicente em Campinas**

Maria Rita Silveira de Paula Amoroso*

Ivone Salgado**

Resumo: O engenheiro-arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo produziu uma obra essencialmente urbana que recebeu nos últimos anos uma significativa atenção por parte dos historiadores da arquitetura. Todavia, a produção técnica deste profissional também possuiu uma dimensão rural, como é o caso da sede do antigo complexo cafeeiro da Fazenda São Vicente, em Campinas-SP, que foi objeto de uma restauração concluída em 2006 e que é o objeto da presente comunicação. Objetiva-se colocar em evidência as relações entre o que seria uma arquitetura urbana e uma arquitetura rural, destacando como os saberes técnicos são apropriados por agentes sociais no contexto de uma cultura burguesa no auge do ciclo econômico do café no estado de São Paulo.

Palavras-chave: arquitetura eclética – arquitetura rural – café.

Resumé: L'ingénieur-architecte Francisco de Paula Ramos de Azevedo a produit une oeuvre urbaine qui a reçu ces dernières années l'attention des historiens de l'architecture. Cependant, dans la production technique de ce professionnel nous trouvons aussi des maisons de campagne, comme c'est le cas de la maison principale de la Fazenda São Vicente à Campinas, État de São Paulo. Cette maison a subi une restauration qui a été achevée en 2006 et qui est l'objet de cette communication. Notre objectif est celui de mettre en évidence les rapports entre une architecture urbaine et une architecture rurale dans l'ouvrage de cet architecte.

Mot-clef: architecture éclectique – architecture rurale – café.

O professor Carlos A. C. Lemos, em sua clássica obra denominada *Alvenaria Burguesa*, publicada pela primeira vez em 1985, em São Paulo, pela Editora Nobel, nos revela sobretudo a cultura profissional no campo da engenharia e da arquitetura existente na cidade de São Paulo na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. (LEMOS, 1985)

Um dos personagens que se destacam neste percurso é o arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, brasileiro, formado na Bélgica – *Université de Gand* – onde se matriculou em 1875. Após concluir seus estudos, Ramos de Azevedo voltou ao Brasil e estruturou a sua vida profissional na cidade de Campinas, de onde havia partido para realizar seus estudos. Em Campinas realizou algumas obras que lhe dariam renome e chamariam a atenção do então governador da Província, o Visconde de Parnaíba, que convidou o jovem e

* Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. CEATEC- PUC Campinas

** CEATEC- PUC Campinas.

talentoso arquiteto para projetar obras oficiais na capital paulista. O Visconde de Parnaíba é considerado o grande promotor e incentivador da decisão do arquiteto de mudar-se para São Paulo em 1886, quando o convidou para construir a sede do Tesouro Nacional. (CARVALHO, 1998: 9)

O mesmo professor Carlos A. C. Lemos nos apresenta, na obra já comentada e em outra especificamente dedicada ao renomado arquiteto, denominada *Ramos de Azevedo e Seu Escritório*, publicada em 1993, pela Editora Pini em São Paulo, o percurso profissional de Ramos de Azevedo que, entre outros, fundaria o Liceu de Artes e Ofícios em São Paulo e a Escola Politécnica de São Paulo. (LEMOS, 1993)

Muitos dos edifícios públicos projetados e construídos por Ramos de Azevedo na cidade de São Paulo, e também muitas das habitações - palacetes burgueses – construídos por este renomado profissional nos são apresentados nestas obras literárias e complementarmente num trabalho que uma aluna do professor Carlos Lemos, Maria Cristina Wolff de Carvalho, desenvolveria posteriormente em sua Tese de Doutorado, publicada pela Editora da USP no ano de 2000, denominada *Ramos de Azevedo*. Este último trabalho nos revela ainda, de forma ampla e criteriosa, todo o percurso de formação do arquiteto no exterior. (CARVALHO, 2000)

A atuação profissional de Ramos de Azevedo em Campinas foi objeto de estudo específico de Ana Maria Monteiro Góes e os resultados desta pesquisa foram apresentados na sua Dissertação de Mestrado de 2000, intitulada *Ramos de Azevedo: presença e atuação profissional Campinas 1979 – 1886*. Neste trabalho a autora desvenda toda a trajetória profissional de Ramos de Azevedo em Campinas, onde o arquiteto foi responsável pela conclusão das obras da Matriz e por diversos projetos e construções, como o Matadouro Municipal, o Bosque dos Jequitibás, o Matadouro Público, o Cemitério do Fundão, a Escola Bento Quirino, o Circolo Italiani Uniti, entre outros. (GÓES, 2000)

Estes principais biógrafos de Ramos de Azevedo e outros historiadores da arquitetura paulista do período, como Eudes Campos, têm estudado a obra deste engenheiro-arquiteto através de uma concepção interdisciplinar abrangendo diferentes campos do conhecimento, como a própria história, as técnicas construtivas, a formação profissional, o urbanismo, a arquitetura e engenharia, entre outras. (CAMPOS, 1997)

O diálogo da história com outros campos do saber revelou, até o momento, que Ramos de Azevedo produziu uma obra essencialmente urbana. Todavia, esta produção técnica também possuiu uma dimensão rural e são estas relações entre o que seria uma arquitetura urbana e uma arquitetura rural que queremos colocar em evidência destacando como este

saber técnico é apropriado por agentes sociais no contexto de uma cultura burguesa no auge do ciclo econômico do café no estado de São Paulo .

Embora o professor Carlos Lemos chame a atenção para a existência de projetos de Ramos de Azevedo voltados para uma arquitetura campestre, desde a publicação da primeira obra comentada onde revela o projeto de residência neste estilo, projeto este para o qual se ignora a concretização, ainda está por se fazer um estudo sobre o tema e é esta a investigação que está em curso e que pretendemos apresentar nesta comunicação. (LEMOS, 1985)

Segundo Eudes Campos, “o que distingue Ramos de Azevedo de seus colegas predecessores não é tanto o brilho de seu talento, mas o fato de ter encontrado na capital paulista uma situação política, econômica e sociocultural bastante favorável ao vertiginoso florescimento de sua carreira, - apoiada esta carreira, naturalmente, nas qualidades intrínsecas necessárias ao bom êxito profissional de um grande empresário da arquitetura e construção civil”. (CAMPOS, 1998: 31)

No início do século XX Ramos de Azevedo passa a ser o “arquiteto oficial da cidade”, segundo Silvia Haskel e Lucia Gama, pois o mesmo seria o responsável pelas principais obras públicas então realizadas. (HASKEL & GAMA, 1998: 22)

Segundo Eudes Campos foi intensa a febre construtiva na cidade de São Paulo nos anos entre de 1870 e 1880. Paralelamente à produção oficial, não descarta Ramos de Azevedo e demais engenheiros atuantes no período de atender à demanda do estrato mais elevado da sociedade paulistana, que desde alguns anos recorre a profissionais diplomados para o projeto e construção de edifícios das mais variadas naturezas. Estes engenheiros, como Mateus Haussler e Ramos de Azevedo, construíam para os Pais de Barros. Mateus Haussler, alemão, que já estava em São Paulo em 1882 e seria escolhido em 1886 pelo presidente da Província para idealizar a Hospedaria dos Imigrantes, construiu a suntuosa mansão de estilo neo-renascentista de Antonio Pais de Barros, na rua Florêncio de Abreu por volta de 1887/1888. (CAMPOS, 1998: 31)

Atendendo ainda à demanda desta família Ramos de Azevedo projetaria a Fazenda São Vicente localizada em Campinas para Genebra de Barros Leite, a Baronesa de Limeira.

Em 20 de junho de 2003, o Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas (CONDEPACC) abriu *ad referendum* um processo de estudo de tombamento de parte do leito férreo da antiga Estrada de Ferro Mogiana incluindo neste processo a Fazenda São Vicente, incluindo: sua sede que possui projeto de autoria de Ramos de Azevedo, o trecho da Mata Nativa na sua envoltória e a Estação Pedro Américo, localizada originalmente nesta fazenda

que se denominava anteriormente Fazenda São José.¹ (Processo de Tombamento n 003/03 Prot. 10/17641/03 INT: CONDEPACC).

A Fazenda São Vicente de propriedade da família Pais Barros a cinco gerações foi construída pela Baronesa de Limeira. Esta fazenda foi objeto de uma restauração nos últimos anos, restauração esta concluída em 2006, e que é o objeto específico desta comunicação. O complexo cafeeiro engloba a sede principal, projeto de Ramos de Azevedo, a residência do administrador, a tulha com maquinários de beneficiamento, 8 terreiros de café, sistema completo de lavagem, serraria, capela, de uma das maiores fazendas produtoras de café na cidade de Campinas no início do século XX.

Em 1914, a propriedade pertencia a uma das filhas da Baronesa de Limeira, Alice, e a Carlos Pais de Barros, seu marido, e contava com 200 alqueires de terras e 92 mil pés de café. Hoje, a propriedade está dividida entre herdeiros deste último casal, Alice e Carlos Pais de Barros, e a sede da Fazenda São Vicente pertence a Rubens Pais de Barros.

Para discutir os aspectos da constituição de uma arquitetura campestre na obra de Ramos de Azevedo, como nos sinaliza o professor Carlos Lemos, consideramos significativo analisar a sede da Fazenda São Vicente procurando compará-la com a sede da Fazenda Palmital na cidade de Ibaté, próxima à São Carlos, também projeto de Ramos de Azevedo e que foi objeto de estudo detalhado recente por Wladimir Benincasa. O engenheiro-arquiteto Ramos de Azevedo teria projetado ainda, em Campinas, a sede da Fazenda Pua D'Alho; todavia ainda não existe estudo bibliográfico sobre a mesma disponível.

A construção do edifício sede da Fazenda Palmital data de meados da década de 1890, quando portanto já pertencia à família Moreira de Barros, mesmo período no qual foi construída a Fazenda da Serra (São Vicente) em Campinas, que também pertencia à família Barros. (BENINSACA, 2003: 290)

Wladimir Benincasa classifica a sede da fazenda Palmital em São Carlos como um “verdadeiro palacete urbano”. Se considerarmos os seus aspectos tipológico-estilísticos e observarmos com acuidade as diversas sedes de fazenda projetadas pelo engenheiro-arquiteto Ramos de Azevedo podemos argumentar pela construção de um tipo específico que revela uma arquitetura campestre, diverso do palacete urbano. (BENINSACA, 2003: 290)

Para Eudes Campos, a dissociação entre a sintaxe compositiva e o vocabulário formal era, desde os ensinamentos de J. N. L. Durand (1760-1834), um dos traços mais marcantes da arquitetura eclética. O autor afirma, ainda, que o uso da referência à arquitetura gótica estava

¹ Processo de Tombamento n ° 003/03 Protocolo 10/17641/03 INT: CONDEPACC. Prefeitura Municipal de Campinas.

intimamente ligado às convenções do ecletismo tipológico-estilístico e as concepções de modernidade e civilização, constituindo por este motivo uma sedutora tentação em relação aos estilos classicistas em voga. Esta tipologia construtiva utilizada nas fazendas de Ramos de Azevedo insere-se neste período de manifestação do ecletismo tipológico-estilístico. (CAMPOS, 2004: 231-232)

Uma análise comparativa entre as sedes da Fazenda Palmital e da Fazenda São Vicente nos permite verificar a constituição de uma tipologia específica para a arquitetura campestre, tipologia esta diversa daquela usada para o palacete urbano.

A descrição que Vladimir Benincasa faz da sede da Fazenda Palmital é muito semelhante àquela que podemos construir para a sede da Fazenda São Vicente, pois as mesmas características tipológicas estão presentes na implantação da sede no terreno, na formação do alpendre e a partir dele na distribuição dos cômodos principais, nas janelas e portas e suas molduras, no volume da construção, no desenho da fachada, nos telhados, na utilização do ferro fundido, no uso do concreto armado e no uso do porão. (BENINCASA, 2003: 291)

Segundo Vladimir Benincasa a sede da Fazenda Palmital “tem sua imponência realçada pela localização, quase ao alto de uma colina, ligeiramente afastada do antigo conjunto de edificações...em meio a um magnífico jardim... e possui características fortemente influenciadas pelo ecletismo francês notadamente pelas casas de Cesar Daly”. (BENINCASA, 2003: 290)

Na Fazenda São Vicente também se nota a escolha de uma leve colina para a localização da sede e seu imponente jardim, igualmente afastada da área de trabalho (sede dos colonos, capela e tulha e terreiro de café). Quando a arquitetura eclética passa a ser utilizada nas casas rurais, as fachadas vão se tornando cada vez mais simétricas, tendo ao centro a porta principal definida geralmente a partir de um alpendre palladiano, como na Fazenda São Vicente.

Com a riqueza advinda do ciclo econômico do café as casas de fazenda se tornam maiores e mais imponentes e percebe-se o uso do sobrado em substituição à tipologia mineira de padrão térreo com aproveitamento do declive do terreno. A nova tipologia desta arquitetura campestre apresenta uma casa elevada sob um porão, sobressaindo na paisagem e com maior requinte de decoração. Assim como a Fazenda Palmital a Fazenda São Vicente apresenta suas belas fachadas com detalhes nas escadarias, alpendres, ornamentos, molduras e ferragens.

De acordo com Wladimir Benincasa, “a alteração da planta, residencial, inspirada no padrão francês, cresceu com a inclusão de diversos cômodos”, com funções inimagináveis em terras paulistas: vestíbulos, salas para música, salão de jogos, *fumoir*, escritórios, copa, etc... de acordo com as regras, higienistas, amplamente divulgadas no final do século XIX, todos esses cômodos, deviam ser suficientemente iluminados, o que gerou inúmeras saliências na planta, cujos espaços restantes, ao serem cobertos, tornaram-se alpendres de vários tamanhos e nas várias faces das edificações.” (BENINCASA, 2003: 291)

Os mesmos procedimentos em relação à distribuição dos cômodos no interior da casa podem ser notados pela própria movimentação do telhado. Na sede da Fazenda São Vicente, tanto na fachada principal como na sua fachada lateral são criados alpendres distintos. A Fazenda São Vicente se destaca na sua proporção e equilíbrio no trabalho de seus beirais, grimpas e ponteiros de madeira se sobressaindo à distância com delicadeza e requinte. Seus alpendres com grades e colunas de ferro onde se tem o domínio de toda a fazenda, não apenas do controle de suas áreas de trabalho como tulha, serraria e terreiros, como também da capela, dos jardins e dos lagos.

A imponente localização da sede na parte mais alta do terreno, revela também a preocupação com as normas de higiene da época e expressa todo o poder de uma aristocracia que está sabendo usufruir no meio rural de todas as inovações que o século XIX estava lhe proporcionando.

Quanto à formação do alpendre e a distribuição dos cômodos principais na Fazenda Palmital Vladimir Benincasa afirma que “do alpendre, tem-se acesso a três cômodos: o vestíbulo, a sala de visitas e um terceiro cômodo que pode ter sido um escritório, uma biblioteca, ou mesmo um dormitório... a porta principal, situada ao centro da parede do fundo do alpendre dá acesso ao mencionado vestíbulo”. (BENINCASA, 2003: 291)

Na Fazenda São Vicente, foram utilizados os mesmos esquemas de distribuição dos cômodos a partir do alpendre. Ainda, o acesso ao alpendre, nas duas fazendas, se faz a partir de uma escada dupla, possuindo ambas forros inclinados acompanhando o declive do telhado; gradil de proteção executado em ferro com corrimão de madeira; colunas delgadas com mãos francesas em ferro sustentando o telhado; empenhas em madeira.

Na Fazenda Palmital, segundo Vladimir Benincasa “ as janelas se incluem totalmente nos padrões eclético e higienista da época: foram originalmente concebidas com folhas venezianas exteriores e folhas envidraçadas - com bandeiras também envidraçadas na parte interna”. (BENINCASA, 2003: 290)

Da mesma maneira, observa-se nas janelas da Fazenda São Vicente essa mesma preocupação com a janela veneziana sendo colocada exteriormente ao vidro. Nas duas fazendas, todas as janelas estão envolvidas por molduras de argamassa em relevo. Esta solução para as janelas permite retirar a escuridão da casa dando lugar a um espaço arejado e iluminado como exigia os preceitos higienistas da época. A grande novidade nas janelas talvez tenha sido a utilização freqüente das venezianas que se vulgarizaram por possibilitarem uma eficiente ventilação, ao mesmo em tempo que escureciam os ambientes.

O uso de cores nos cômodos, com recurso aos pigmentos coloridos e o trabalho realizado nas faixas decorativas, com a utilização da técnica de *tromp-oiel*, deram às casas rurais um aconchego maior, uma nobreza similar às salas européias como podemos notar na Fazenda São Vicente. A decoração de suas paredes internas, todas com faixas decorativas superiores - *border* - denotam a preocupação em estar atualizado quanto aos modelos decorativos europeus. Esta decoração mural era utilizada principalmente na sala de jantar considerada um dos ambientes mais importantes da casa rural. O uso de cores nas paredes, nas portas, nas faixas, nos gradis, nos forros e nas fachadas, nos mostra a importância da estética na construção rural desse período. Ramos de Azevedo soube tirar partido da decoração mural tanto ao projetar seus palacetes no meio urbano como na arquitetura campestre levando também ao meio rural um pouco de civilidade.

Tanto na Fazenda Palmital (em Ibaté) como na Fazenda São Vicente (em Campinas) se recorreu a um elemento decorativo que era muito utilizado para esconder as calhas e condutores metálicos, os lambrequins de madeira e os adornos e os rendilhados. Com o novo maquinário disponível de torno conseguiu-se transformar essas madeiras.

A introdução de novas técnicas na confecção de estruturas de telhado, com o advento das calhas e condutores metálicos, e das telhas francesas, foram introduzidas com o ecletismo, se apresentando mais leves e regulares que a tradicional capa e canal. Importados da Europa e Estados Unidos, esses novos materiais permitiram uma liberdade na execução dos telhados, motivando um aumento no número de águas, o que pode ser notado em algumas casas rurais da região de São Carlos. (BENINCASA, 2003: página 363)

Esse elemento do telhado faz parte das fachadas das duas fazendas, Palmital e São Vicente, e foram soluções utilizadas com a finalidade de “modernizar” o aspecto dos casarões, permitindo ainda decorar os beirais. A composição, apoiada nos arremates dos beiras, formava um triângulo em cada extremidade ocultando as calhas e um outro no vértice, junto à cumeeira, arrematada em geral por um mastro torneado e um trabalho rendilhado. (BENINCASA, 2003: 291)

Esse elemento que faz parte das fachadas das duas fazendas, Palmital e São Vicente, foram soluções utilizadas com a finalidade de “modernizar” o aspecto dos casarões, permitindo ainda decorar os beirais.

Essas cumeeiras prolongadas até a fachada, em alguns corpos da casa, arrematadas por grimpa ou ponteiro e outros detalhes em madeira torneada são marcas características do arquiteto Ramos de Azevedo. (BENINCASA, 2003: 291)

O uso de telhas francesas, importadas de Marselha, tornou esses telhados mais vistosos, inclusive pela própria inclinação mais acentuada e também por serem mais bem elaboradas e regulares. Na solução do telhado da Fazenda São Vicente, podemos notar a preocupação com os preceitos higienistas, pois ao adotar esse tipo de telha que exige uma inclinação muito maior que a telha tradicional, cria-se uma nova solução em substituição ao uso da solução capa e canal, muito comum nos telhados brasileiros desde a época da colônia.

O telhado vai se constituir num novo elemento da casa, formando um novo espaço, o sótão, de tal maneira que se pode circular por todo ele e onde se encontram também as tesouras, vigas e caibros de sustentação desse novo desenho de telhado de várias águas.

Na época do restauro da Fazenda São Vicente, optou-se por utilizar um reforço metálico nas estruturas de madeira do assoalho tanto para voltar o piso na posição original em alguns pontos onde ele havia cedido, quanto para fazê-lo suportar todo o peso do mobiliário de época e sua utilização. Hoje, esse porão tem uma pequena parte nos fundos adaptada e revitalizada ao uso de serviços para lavanderia e despensa para atender a família. Essa modificação foi apenas interna, não alterando a fachada

Nesta obra de Ramos de Azevedo, se percebe um requinte no processo construtivo que revela a origem burguesa dos proprietários que a encomendaram. Os assoalhos que compõem os pisos dos cômodos na parte superior eram todos de cedro rosa, e suas janelas possuíam caixilhos de *pinho de riga* com vidros importados. Ainda, todo o gradil de proteção do alpendre foi construído em ferro fundido e madeira com suas colunas adornadas e recebendo decoração também em ferro na sua parte superior.

Muitas inovações surgidas nas casas urbanas foram também utilizadas nas residências rurais neste período de auge da economia cafeeira em São Paulo, como os porões que reproduzem as alturas suficientes para evitar a umidade (HOMEM, 1996: 2)

Nestas residências, jardins foram construídos, aos moldes franceses, com vários canteiros geometrizados. As vezes, possuíam lagos e fontes com repuxos, envolvendo as casas e criando um cômodo distanciamento das outras edificações da fazenda. Em algumas delas, o velho casarão foi abandonado e os novos foram construídos ligeiramente afastados do núcleo

de beneficiamento do café - tulhas, terreiros, etc. À moda das *villas* existentes em subúrbios paulistanos e cariocas, estas residências ficavam mais próximas da natureza e longe dos *miasmas pútridos* produzidos nas aglomerações urbanas, numa situação que privilegiava ainda a privacidade; elas ficavam protegidas do contato de estranhos. Essas tendências que se observaram no mundo moderno, foram transportadas para o mundo rural paulista, comandado por uma elite que estava sempre atenta aos costumes, ditos civilizados, dos europeus e americanos. (BENINCASA, 2003: 113)

Podemos concordar com Eudes Campos quando afirma que a divulgação da arquitetura privada em São Paulo dava-se de forma oral, entre familiares e amigos dos encomendantes, propiciando que determinados projetistas se tornassem praticamente exclusivos de certos círculos burgueses, como Haussler entre os Pais de Barros (depois ligado a Elias Chaves), Ramos de Azevedo entre os Paula Souza e os Sousa Queiroz e Pucci entre os Prado. (CAMPOS, 1997: 278)

Cabe, todavia, acrescentar que Ramos de Azevedo também freqüentava os círculos da família Barros, tendo ali obtido várias encomendas, inclusive a da Fazenda São Vicente.

Referência Bibliográfica

- BENINCASA, Vladimir. **Velhas Fazendas: arquitetura e cotidiano nos Campos de Araraquara 1830 a 1930**. São Carlos: EdUFSCar ; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003. p.290.
- CAMPOS, Eudes. *O ecletismo paulistano no tempo do jovem Ramos de Azevedo*. In: **Revista do Departamento do Patrimônio Histórico**. São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Ano V, n 5, janeiro de 1998, p. 31.
- CAMPOS, Eudes. *São Paulo: desenvolvimento urbano e arquitetura sob o Império*. In: **História da cidade de São Paulo: a cidade no Império 1823-1889**. Editora Paz e Terra, São Paulo. 2004. p. 231-232.
- CAMPOS, Eudes. **Arquitetura Paulistana sob o Império. Aspectos da Formação da Cultura Burguesa em São Paulo**. São Paulo. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 1997.
- CARVALHO, Maria Cristina Wolff. **Ramos de Azevedo**. São Paulo. EDUSP.2000.
- CARVALHO, Maria Cristina Wolff. *A Arquitetura de Francisco de Paula Ramos de Azevedo: o itinerário profissional do engenheiro arquiteto, protagonista da introdução dos modelos europeus em São Paulo, na virada do século*. In: **Revista do Departamento do Patrimônio Histórico**. São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo Ano V, n 5, janeiro de 1998, p. 9.
- GÓES, Ana Maria Monteiro. **Ramos de Azevedo: presença e atuação profissional Campinas 1979 – 1886**. Campinas. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC Campinas. 2000.

HASKEL, Silvia Haskel & GAMA, Lucia. *Ramos de Azevedo e a cidade*. In: **Revista do Departamento do Patrimônio Histórico**. São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Ano V, n 5, janeiro de 1998, p. 22.

HOMEM, Maria Cecília Naclerio. **O Palacete Paulistano e outras formas de morar da Elite Cafeeira-1867-1919**. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

LEMOS, Carlos. **Ramos de Azevedo e Seu Escritório**. São Paulo. Editora Pini, 1993.

LEMOS, Carlos. **Arquitetura Burguesa**. São Paulo. Editora Nobel. 1985.